

CORREIO BRAZILIENSE

Na quarta parte nova os campos ara.
E se mais mundo houvera, lá chegara.

CAMÕES, e. VII e 14.

CORREIO BRAZILIENSE

Diretor Presidente
Paulo Cabral de Araújo

Diretor Vice-Presidente
Ari Cunha

Diretor Gerente
Evaristo de Oliveira

Diretor de Redação
Luiz Adolfo Pinheiro

Diretor Técnico
Ari Lopes Cunha

Diretor Comercial
Maurício Dinepi

* 4 SET 1990

Ânimo e esperança

Nenhuma nação jamais conseguiu emergir de uma situação econômica anômala sem a imposição de medidas restritivas, cujo impacto inicial causa turbulências sociais de alguma grandeza. Não poderia o Brasil escapar à regra, malgrado dispor de inigualável potencial para contornar conjunturas críticas, em razão da solidez e nível de organização do sistema produtivo. A dimensão da crise, adensada pelo menos durante uma década de omissões, erros e dilapidação do patrimônio público, exigia reformulação completa da vida nacional, no bojo de um plano com suficiente abrangência para reverter o quadro deplorável.

O Plano Brasil Novo posto em execução pelo presidente Fernando Collor assimilou o panorama funesto a fim de mudá-lo o mais rapidamente possível, através de medidas planejadas para introduzir a moralização no funcionamento da máquina governamental, amparar a economia sob o pavilhão da competição e da produtividade e, finalmente, resgatar a dívida social do País para com mais de um terço da população. Ora, reformas estruturais de tal porte não se desenvolvem em meio à serenidade contemplativa dos tempos fartos. Aqui e ali, as águas revoltas da mudança turbilhonam e assustam, antes de reencontrarem a tranquilidade em um novo leito e seguirem plácidas adiante.

Embora tais pressupostos fossem conhecidos da opinião esclarecida do País, não foram poucas as vozes agouren-

tas a prever catástrofes sociais irremediáveis. Mas, afora os pequenos abalos provocados pela reacomodação do solo social, o Brasil não se encontra ameaçado por qualquer disfunção grave e o plano se desenvolve com crescente êxito. Ainda agora, o fantasma do desemprego, frequentemente apontado pelos adversários do Governo como inevitável consequência do rígido programa de reajustamento econômico, já começa a ceder a taxas declinantes. De fato, estatísticas divulgadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística assinalam o crescimento do emprego em todo o País, com exceção apenas de um setor, o da indústria de transformação.

A elevação da oferta de espaço à mão-de-obra ainda não reflete as perspectivas abertas com a política habitacional, cuja execução ensejará a criação de alguns milhares de empregos, principalmente em favor das classes assalariadas de escassa especialização. O levantamento do IBGE insere um dado bastante expressivo. É que deixa patente estar o sistema econômico em processo de reaquecimento. Não há por que dar ouvidos ao coro dos pessimistas, quando entoam a cantiga da recessão econômica como um fenômeno já diagnosticado.

Quem quer que deseje contribuir para a normalização da vida nacional conviria cultivar o otimismo. Já chega de profetas da desgraça. Afinal, a realidade não sinaliza no rumo de dificuldades graves. Muito ao contrário, fomenta reações de ânimo e esperança.